

***POBRE CORINTIANO CARECA: O LADO MENOS EVIDENTE E MAIS
FASCINANTE DO SER HUMANO***

Elisandra Fabiana Gonçalves CARVALHO¹

Introdução

“A literatura é uma maneira de questionar a vida. O José Pedro, no fundo, talvez seja uma pessoa aprendendo a se expressar, aprendendo a gostar de si mesmo e a não ter vergonha de falar o que sente.” (AZEVEDO, Ricardo. 2001)

O presente trabalho tende a explanar sobre uma análise do livro *Pobre corinthiano careca* de Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador, que foi publicado em 1995, no Brasil e na Alemanha, tendo grande repercussão, porque tem a preocupação em revelar o lado menos evidente e mais fascinante do ser humano.

Numa época em que a modernidade atinge todos as classes sociais, todos os lares, todo o ser humano, em que todos querem ser independentes, ganhar mais e mais dinheiro, comprar mais e mais, se esquecendo do verdadeiro significado da vida. A família já não existe, essa palavra se torna cada vez mais rara no vocabulário da contemporaneidade, como retrata esta fala do psiquiatra espanhol Juan Luis Linares, professor de Psiquiatria da Universidade Autônoma de Barcelona e diretor da Escola de Terapia Familiar do Hospital de Santa Cruz e San Pablo,

Porque o casamento deixou de ser uma instituição sagrada e eterna para se converter em uma realidade humana e transitória. A expectativa de vida se prolongou muito, e isso põe ainda mais em contradição a duração das uniões.

Portanto, essa história tem como um de seus temas principais um protagonista que sofre muito com a ausência do pai, com as dificuldades da constante

¹ Pós – graduando do curso “Estudos Lingüísticos e Literários”, UENP – FAFIJA turma III – 2008, Módulo Literatura infantil e juvenil: elos entre a cultura popular e a produção literária contemporânea, Professora Penha Lucilda de S. Silvestre.

falta de dinheiro, e por tudo isso sente-se inferior á todos, incapaz de conquistar o amor de Camila, sua amiga de sala, a amizade de Charles Augusto e o respeito dos professores, pois com certeza sua vida pessoal, suas angústias, refletiam desesperadamente na sua vida escolar. Logo, era um dos piores alunos da sala, alvo de gozações dos colegas e decepção para os professores.

Isso tudo e muito mais podemos evidenciar na busca incessante de José Pedro, nosso personagem principal, em aceitar o mundo como ele é, e ser feliz assim mesmo, pois quem nunca se sentiu sozinho, derrotado, com a impressão de que todos são melhores e mais felizes do que você?

Análise do livro *Pobre corinthiano careca* de Ricardo Azevedo.

Discorreremos nessa análise a composição e a temática desse texto.

O autor Ricardo Azevedo trata, nesse texto, vários temas importantes e recorrentes como a pobreza, a ausência paterna, o preconceito, o amor, a amizade, a busca da felicidade, etc, mas introduz em seu enredo, também, para torná-lo divertido e descontraído, o amor incondicional pelo time Corinthians, e quem vivencia isso é o personagem principal José Pedro, que sofre, se alegra, grita, pula, e que daria tudo para ir ao campo de futebol assistir à um jogo do seu time do coração.

O enredo não mantém uma linearidade, que é a forma de narrar mais tradicional, pois há alguns momentos em que José Pedro está a fantasiar, como expressa este trecho a seguir:

José Pedro contou que no dia anterior, chegando em casa, entrou no quarto e deu de cara com um jacaré deitado em sua cama, vestindo a camiseta do Palmeiras. O jacaré abriu a boca e foi esconder-se embaixo da cama. Sem compreender o que estava acontecendo, José Pedro achou prudente ir para a sala. (...) Quando tirou a roupa, sua mãe entrou em casa.(...) Graças a Deus, continuou ele com orgulho, ela trabalhava no Hospital do Servidor. Lá ele foi atendido por um famoso neurologista, um colega dela, o melhor da cidade. (AZEVEDO, 2001, P. 37-38).

Essa história tem narrador em 3ª pessoa, é onisciente, pois dá impressão que ele penetra no inconsciente do personagem “José Pedro” e sabe o que eles pensam e sentem, como mostra este fragmento:

José Pedro chorava olhando aquela cara de minhoca branca refletida no espelho. O pior é que aquilo ali era ele. Aquela coisa pelada, nojenta, depenada e desprotegida era ele! O menino não compreendia como podia haver gente que gostava de raspar o cabelo de propósito (...). (AZEVEDO, 2001, p. 27)

Esse narrador também é emancipador, porque trata de temas e conflitos vividos pelos adolescentes em seu dia-a-dia; suas frustrações, seus anseios, como mostra este trecho:

O menino era o pior aluno da classe, mal comportado, bagunceiro e ainda por cima pobre. Não tinha roupa bonita como todo mundo. Não tinha carro para ir e voltar da escola. Não tinha caneta-tinteiro, estojo de couro, camiseta com escritos em inglês, óculos escuros, tênis de marca, nada, nada, nada. Até seu nome era comum: José Pedro Silveira. Na lista telefônica, pensava ele, devia ter tanto Silveira que dava a impressão de que se alguém andasse na rua, parasse e gritasse ‘Silveira!’ metade da cidade ia responder ‘o quê?’ ao mesmo tempo. (AZEVEDO, 2001, p. 16)

E através desse processo de aceitação o texto dialoga com o seu leitor, o faz ponderar sobre tudo que já viveu. Outra prova disso, é o desfecho do texto que é extremamente contemporâneo, pois ele termina deixando várias idéias incompletas. O autor cria uma certa expectativa no leitor e depois dá um final inesperado, causando aos olhares leigos, certa estranheza, mas proposital na época em que vivemos, porque a maioria dos textos atuais precisam da contribuição dos seus leitores, portanto, deixam por conta deles o desenlace da história. Essa é a arte contemporânea, faz seu destinatário pensar e refletir, se encaixando nos moldes da estética da recepção.

Quanto ao espaço ou ambiente, onde ocorrem às ações é urbano, em São Paulo (macro-espaço), na escola (micro-espaço) e na casa de José Pedro (micro-espaço).

A linguagem usada pelo autor é popular, informal; própria do autor, pois como disse Maria Alice de Oliveira Faria (UNESP – Assis) em “Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis”:

O bom escritor hoje é aquele que cria sua linguagem própria, a partir da subversão do que era até então considerada a linguagem literária ideal. Portanto, o texto literário contemporâneo deixou de se apresentar como modelo de língua padrão para o aprendizado da língua materna, em situações comuns de comunicação.

Por isso, esse texto apresenta algumas gírias, típicas dos adolescentes contemporâneos, como: “Mas o diretor disse que com aquela *juba* ele não punha mais o pé na escola.” (AZEVEDO, 2001, p. 19) e “(...) entrei numa dieta *braba* (...)” (AZEVEDO, 2001, p. 60), no entanto, faz uso algumas vezes de palavras formais, científica como: “Fazer *eletrocardiograma* (...) abrindo o peito dos pacientes com enfarte no *miocárdio*.” (AZEVEDO, 2001, p. 35), para dar mais credibilidade ao texto.

Quanto aos personagens, temos o personagem principal, José Pedro, pois participa de todas as ações e é anti-herói, porque mostra ser uma pessoa cheia de defeitos, igual a todos, é filho de pais separados, e enfrentava ao lado da mãe as dificuldades da constante falta de dinheiro, e por isso se sentia inferiorizado, como mostra este trecho:

Quem era ele sem cabelo? Um nada. Um porcaria. Um pivete magrela, fraco, pobre, metido a espertinho, sempre com a mesma roupa velha remendada e com aquele tênis mixuruca, furado e barato, sem marca nem nada. (AZEVEDO, 2001, p. 27)

Temos também um antagonista que é o Charles Augusto, uma figura que se opõe à José Pedro, vive para atrapalhá-lo, como mostra este fragmento:

Uma risadinha venenosa saltitou no meio do grupo.

- Esse cara é o maior embromador que eu já vi. Larga de contar mentira, Zé Pedro!

- Mentira onde, Charles Augusto? Vai lá no hospital e pergunta!
(AZEVEDO, 2001, p. 38)

E os demais personagens têm função de secundários, pois tem menos frequência na história, portanto são menos importantes como: a Camila (a paixão da vida de José Pedro), a Sueli (mãe de José Pedro), o professor de Educação Física, o professor de Língua Portuguesa, os colegas do futebol e seu Mário (que morava no apartamento ao lado de José Pedro, mas depois se mudou). Quanto ao ponto convergente todos os personagens têm características de tipo, porque representam um determinado grupo na pirâmide social, e planos, pois todos mantêm a mesma personalidade do início ao fim do enredo.

O discurso utilizado é o direto, e além do texto escrito, Ricardo Azevedo também disponibiliza aos seus leitores as ilustrações, tornando o texto mais divertido. Como disse Maria Zaira Turchi no capítulo “O estético e o ético na literatura infantil” do livro *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*: (2004) “Um dos grandes desafios da literatura infantil é movimentar o imaginário na sua maior potência e, ao mesmo tempo, lidar com o limite do discurso.” (TURCHI, 2004, p.39). E é isso que Ricardo Azevedo faz, constrói pontos de vista em que a criança ou jovem se reconheça.

O tempo é cronológico, é o que se mede pelo relógio, pela sucessividade das horas e esse se divide em dois momentos: José Pedro com cabelo (ou seja, com a auto-estima alta) e José Pedro careca (ou seja, com a auto-estima baixa). Portanto, mais uma marca do consciente da criança, pois na idade de José Pedro, treze anos, realmente a criança já começa a descobrir seu lado de vaidoso e no caso de José Pedro um sinal disso é sua cabeleira.

Quanto aos temas abordados nesse texto temos vários como *a pobreza*, vivenciada pelo nosso personagem José Pedro, que mora apenas com a mãe, pois seu pai os abandonou, e, portanto, se mantém apenas com a pequena renda de sua mãe; *o preconceito*, que provém de Charles Augusto, rapaz bonitão, rico, sempre está bem vestido, e por isso discrimina José Pedro, que é pobre, bagunceiro, tira notas más na escola e adora inventar histórias. Temos também *a amizade*, em que José Pedro tenta, mas nunca consegue ser amigo de Charles Augusto, pois esse se sente muito superior a

José Pedro; *a fuga da realidade*, constatamos quando José Pedro conta histórias para se distanciar e distrair-se da triste realidade; *a intensa vontade de ser feliz*, sonha em ser rico, ter uma casa grande e bonita, um carro novo, comida em abundância com diversos pratos diferentes, assistir aos jogos do Corinthians no estádio, e principalmente conquistar o amor de Camila (sua colega de sala), a amizade de Charles Augusto, o respeito dos seus professores. Outro tema evidente é *o fanatismo pelo time Corinthians*, nesse momento José Pedro esquece de todos os seus problemas e se emociona, se sente vivo, voraz; *a fantasia, ou o lúdico*, que José Pedro acreditava que só em suas fantasias ele poderia dar a volta por cima e tornar-se um vencedor; *e a ausência paterna*, questão delicada, pois por mais que José Pedro não queira, seu pai lhe faz muita falta.

Conclusão

Conclui-se que através da análise composicional e temática buscou-se abordar a tendência contemporânea na Literatura.

Ricardo Azevedo teve o intuito de compartilhar os sonhos e anseios de seu personagem José Pedro, que apesar de ser criança, tem seus momentos de devaneios e fantasias com o mundo bem diferente daquele em que vive.

Referências

- AZEVEDO, Ricardo. *Pobre Corinthiano Careca*. São Paulo: Ática, 2001.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. *Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis*. UNESP – Assis.
- TURCHI, Maria Zaira. *O estético e o ético na literatura infantil*. In: CECCANTINI, João Luís C. T. (organizadores). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo. Cultura Acadêmica; Assis, SP: Anep, 2004, p. 38 - 44.

Fonte

LINHARES, Juan Luis. *A separação não é um fracasso, diz especialista*. Disponível em: < <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/vidafeminina/noticia/detalhe/A-separacao-nao-e-um-fracasso,-diz-especialista.html> >, acesso em 26/11/2008.